No sertão de João Alves, eleitor é como gado

Apesar das promessas não cumpridas, deputado ainda é visto como herói na Bahia

MOISÉS RABINOVICI

PRESIDENTE JÂNIO QUADROS — No sertão baiano sem luz nem televisão, o deputado João Alves (PPR-BA) é Pai João, um herói que será reeleito se for candidato mais uma vez nas próximas eleições. "Somos bois dele", diz um fiel eleitor. "Com o voto ficamos marcados que nem gado, quem não faz parte da boiada não ganha água."

Há dois anos não chove no roçado de José Xavier Moreira, o Zé Véio, cabo eleitoral de Pai João em Fazenda Duas Lagoas, no interior de Presidente Jânio Quadros, 530 quilômetros a sudoeste de Salvador. Há oito anos Zé Véio ouve dizer que um poço para seu curral eleitoral está em estudos em Brasília. "Até minha mulher já secou", reclama, apresentando Rosa, muito magra, baixinha como Pai João. Mesmo assim ele se mantém fiel. Pendurou na sala a foto do deputado apertando a mão do prefeito da cidade, Lélio Alves Brito.

Atarefado — O poço dos sonhos de Zé Véio é como o céu de Fazenda Duas Lagoas: carregado de nuvens que não desabam numa generosa chuva porque são tocadas pelo vento. Acontece também com Pai João: os recursos que ele destinou para o poço "devem ter sido desviados no caminho". Ali não choveu uma gota. Talvez a 20 quilômetros, na Prefeitura. "É o que dizem. Só podemos reclamar do prefeito, porque o deputado está longe, em Brasília."

"O padre falou que voto de pobre pode ser vendido", diz Rosa. Zé Véio olha tão feio para a mulher que ela emenda: "Com a gente, não: melhor rasgar o título que se vender." O caçula dos sete filhos do casal veste uma camiseta em que o herói João Alves aparece furado e encardido, cabelo pintado de preto. Outras lembranças da última eleição estão numa caixa. São cartazes. Zé Véio retira alguns para mostrar e lamenta: "Ele mandou fotos, e não comida. É muito atarefado para lembrar tudo."

O curral de Fazenda Duas Lagoas tem 90 bois-eleitores. "Mas reúno aqui diante da minha casa uns quatro mil votantes", gaba-se Zé Véio, apontando para uma área igual a um campo de futebol. E acrescenta: "Tudo vota nele. De tão bom, nunca perdeu aqui. Se ele se candidatar outra vez, ganha."

Quando vai listar o que João Alves já fez para merecer os votos e o tratamento de "pai", Zé Véio lembra de "uma barragem, tanques e estradas de terra". Só. Então pula para as qualidades: "É um homem trabalhador. Muito esforçado. Um bom deputado. E ajudou os pobres." Ele próprio tornou-se "o dono da campanha" por convicção, não por dinheiro: "Foi uma obrigação, nunca recebi nada. Mas pela ajuda que dei, era para estarmos numa situação melhor."

Comício — O pai de Zé Véio, realmente velho, com 90 anos, trabalha com a enxada na roça. Suas mãos estão deformadas de tão calejadas. A sogra e tia, Custódia Angélica Moreira, com 88 anos, já delira, encurvada numa cadeira. Um dos filhos, Manoel Messias, acende o cigarro artesanal raspando duas pedras, porque não pode comprar fósforos. As notícias chegam pelo rádio, quando há pilhas.

Descabelado, a camisa suja abotoada errado, Zé Véio se empolga, como se fizesse um comício ao curral: "Pai João deveria nos dar mais força para o povo crescer. Aqui nem urubu quer mais viver. Ninguém pode plantar. Só nos dão um feijão que nem porco come. O prefeito é desgraçudo. Remédio ele arranja, comestível não. Estamos ficando muito desvalidos."

Zé Véio e os eleitores de Fazenda Duas Lagoas não vêem o noticiário em que Pai João surge com uma fortuna de milhões de dólares e um inquérito já quase do seu tamanho, 1,62 metro. "Não sabemos se é verdade", reage Zé Veio ao ouvir as novidades. "Já vieram dizer que ele tinha sido preso. Que está sendo perseguido. Só vendo com meus próprios olhos." Não tem idéia do que acontecerá quando souber que é verdade, mas resmunga: "Sou besta mesmo. Deixa que Deus me dará no outro mundo."

Clóvis Ferreira/AE

Zé Véio com a mulher, a família e os cartazes que sobraram da última campanha eleitoral: "Ele mandou fotos, e não comida. É muito atarefado para lembrar tudo"